

**RECEBIDO EM: 14-01-2020  
07-2020**

**ACEITO EM: 08-**

## **REFLEXÕES SOBRE O CARÁTER VITAL DA INFORMAÇÃO: O LABOR NOSSO DE CADA DIA**

**Fabricio Foresti<sup>1</sup>**  
**Gregório Varvakis<sup>2</sup>**  
**Angel Freddy Godoy Viera<sup>3</sup>**

**Resumo:** A informação sempre foi importante ao homem, mas é na sociedade hodierna que a informação ganha destaque especial. Mais que insumo da nova economia, a informação possui um caráter vital e o processamento e uso de informação se transfigura em labor, no sentido de atividade vital. **Objetivo:** Elucidar o caráter vital da informação através de aproximações teóricas entre autores das áreas de Ciência da Informação, Sociais e Humanas, cujo norte é o conceito de labor de Hannah Arendt (2005). Também busca mostrar que o esforço vital dos usuários tem sido capitalizado pelas organizações em rede. **Metodologia:** Pesquisa bibliográfica realizada na base Scopus com os termos 'labor' e 'informação' no título que recuperou artigos publicados entre 2006-2016. Os idiomas utilizados foram Inglês e Português. Também foram utilizados livros com diferentes datas, considerados importantes ao estudo. **Conclusões:** Conclui que na atualidade o processamento e uso de informação pode ser configurado como labor, que a informação transcende o homem e compõe a natureza. Ao mesmo tempo, verifica que o esforço vital dos usuários ou o fluxo da informação de si tem sido capitalizado pelas organizações em rede. Mostra que a relação entre labor e informação não é nova em Ciência da Informação, contudo, pouco explorada.

**Palavras-chave:** Ciência da informação; Epistemologia; Tecnologias da Informação e Comunicação; Labor.

### **1 INTRODUÇÃO**

A sociedade hodierna dedica cada vez mais tempo à rede e ao uso de tecnologia. As finalidades são as mais diversas: trabalho, estudo, entretenimento, relações sociais. Contudo, o acesso e uso de informação sempre foi importante para todos os seres vivos. Todas as espécies processam, recebem e transmitem informação, de alguma maneira. Animais e plantas processam informação, transmitem sinais aos homens, ao meio ambiente e se comunicam. Estudo recente mostra que as plantas usam os fungos para se comunicar com as outras, numa espécie de rede, mesmo as mais distantes (FLEMING, 2014).

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestrado em Ciência da Informação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: fabricio.foresti@posgrad.ufsc.br

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutorado em Engenharia de Produção na Loughborough University of Technology. Mestrado em Engenharia de Produção na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Graduação em Engenharia Mecânica na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

<sup>3</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutorado em Engenharia de Produção na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestrado em Ciências da Computação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)



Mesmo os objetos inanimados trocam informação com o meio, tal qual uma pedra, contudo, de forma física, muito diferente do mundo dos signos criado pelo homem.

Os arquivos, bibliotecas, museus, da mesma forma que as inscrições rupestres e a escrita, retratam o anseio e a necessidade ancestral do homem de processar e usar informação. E nas últimas décadas a informação se tornou protagonista social declarada. A sociedade atual se proclama uma verdadeira sociedade da informação e do conhecimento, e isso evidencia a importância da informação para organizações, indivíduos e grupos na contemporaneidade. Ainda que o processamento de informação seja fundamental na atualidade, produzir, armazenar e compartilhar informação e conhecimento é algo primitivo, e foi devido a essa capacidade que o homem evoluiu até os dias atuais. Hock (1999, p. 192) reconhece como “um princípio fundamental da evolução” a ampliação da “capacidade de receber, utilizar, armazenar, transformar e transmitir informação”. Segundo o autor, “quanto maior” esse poder, “mais diversa e complexa é a entidade”.

A globalização e as novas tecnologias transformaram o mundo pela informação e cada cidadão se transforma numa máquina de processar informação. Para tanto, contam com a ajuda de uma complexa estrutura social e tecnológica, de tal forma que, todas as pessoas se tornaram usuários da informação e vetores de recepção e disseminação de informação. Habilidades antes restritas a especialistas - como bibliotecários e pesquisadores - hoje são amplamente disseminadas e usuais entre os usuários da Internet e demais tecnologias da informação.

A tecnologia dominante para acesso e uso da informação na atualidade está em movimento. Acontece uma verdadeira “revolução da comunicação e da informática” que leva, inclusive o mundo do trabalho, a caminhar em direção ao “modelo das tecnologias de informação e comunicação” sustenta Lima et al. (2011, p. 2). Segundo os autores, são “máquinas interativas e cibernéticas” que se transfiguram em verdadeiras próteses ligadas aos “corpos e mentes” e assim, os redefinem. Em 1964 o célebre autor Marshall McLuhan<sup>4</sup> já apontava as tecnologias emergentes como extensões humanas que entorpecem as pessoas e os coletivos. Segundo McLuhan (2006, p. 61) “com o advento da tecnologia elétrica, o homem prolongou ou projetou para fora de si mesmo, um modelo vivo do próprio sistema nervoso central”.

Os dispositivos móveis são a tecnologia e o suporte da informação mais popular do momento. Tecnologias que generalizam o processamento e uso informação por serem extremamente pervasivas e atingirem todas as classes sociais, faixas etárias, níveis culturais e regiões geográficas. O tipo mais conhecido são os *smartphones*, contudo, também se destacam os *tablets* e *notebooks*. Existem muitas

<sup>4</sup> A obra “Os meios de comunicação como extensões do homem” foi publicada pela primeira vez no ano de 1964.



outras tecnologias e denominações relacionadas, ainda assim, não é toda tecnologia portátil que pode ser classificada como um dispositivo móvel (FIRTMAN, 2010). Autores apontam a mobilidade e o acesso à Internet como caráter central dessa tecnologia (GODOY VIERA; FORESTI, 2015).

Os tradicionais *desktops* continuam atuando e ainda têm papel central para muitos usuários, porém, pesquisas mostram (BRASIL, 2014; IBGE, 2016; BRAZIL..., 2019; GLOBAL..., 2018) que o uso de dispositivos móveis já supera os *desktops* quanto ao acesso e uso da informação em rede. Esse uso da tecnologia móvel está intimamente ligado ao cotidiano dos usuários e possui caráter prático, funcional, de utilidade (MERCHANT, 2012; CASTELLS, 2003; MUTCHLER; SHIM; ORMOND, 2011). É justamente esse uso cotidiano (ou ordinário, banal) dos dispositivos móveis que torna o caráter vital do processamento e uso da informação mais evidente. Mesmo a ciência é na atualidade orientada ao cotidiano. Silve e Freire (2012, p. 8) reconhecem que muitas áreas do conhecimento atuam para “satisfazer as necessidades cotidianas da população”.

É a mobilidade que generaliza o uso da informação em movimento e permite que a informação sirva o cotidiano dos usuários mais intensamente. A informação auxilia os usuários de muitas formas em função da portabilidade e mobilidade tecnológica. Assim, o poder computacional dos dispositivos móveis é convertido pelos usuários em instrumento para resolver problemas e gerir o cotidiano. Horários, deslocamentos, contatos, todos são grandemente facilitados pelo uso de dispositivos móveis.

O uso de dispositivos móveis pode ser classificado em utilitário – orientado à tarefas - ou hedônico – orientado ao entretenimento (CAO et al, 2019; WHITTEN, D.; HIGHTOWER, R.; SAYEED, 2014). Pesquisas mostram que o uso de dispositivos móveis está grandemente ligado às redes sociais (JORDAN; SURUJLAL, 2013, p. 284; BOMHOLD, 2013, p. 428; JUNG, 2014, p. 310; KIBONA; MGAYA, 2015, p. 781; OULAVIRTA et al., 2011; BRASIL, 2014) e ao entretenimento (JORDAAN; SURUJLAL, 2013, p. 287; BOMHOLD, 2013). E o uso de redes sociais em dispositivos móveis é compreendido como hedônico (WHITTEN; HIGHTOWER; SAYEED, 2014). Assim, o acesso e uso de informação em movimento está ligado ao cotidiano dos usuários e pode facilitar ações, deslocamentos, contatos e promover entretenimento.

A ampla disseminação ou ubiquidade dos dispositivos móveis está relacionada aos interesses econômicos globais. Em conjunto com a ampla disseminação dos dispositivos móveis, se proliferam as redes sem fio e cresce o uso da Internet, além de inúmeras melhorias na infraestrutura de telecomunicações. Neste contexto, se destacam as mídias locativas (LEMOS, 2007) que compõem os ambientes de informação urbanos (LEITE, 2008) e os aplicativos, que sincronizam os usuários a determinado tipo de informação. Todas são evidências do caráter utilitário e vital para as transações de

informação na sociedade hodierna. Praças, monumentos, pontos de ônibus, todos se transfiguram em vetores transmissores e receptores de informação, da mesma forma que os usuários. Camadas de informação cada vez mais densas são sobrepostas à natureza e aos objetos nos espaços públicos e privados.

Desta forma, o presente estudo objetiva mostrar o caráter vital do processamento e uso da informação. Caráter vital que vai além de como usualmente é tratado o tema da informação (como fundamental para a realização de muitas atividades, organizações e economias). O referido caráter vital aponta a informação como fator chave para a sobrevivência, tal qual uma refeição para o corpo humano. Mas antes, é preciso conhecer a visão norteadora do presente estudo: o conceito de labor de Hannah Arendt (2005).

## 2 O CONCEITO DE LABOR

O labor é comumente entendido como trabalho, mas o termo possui outros sentidos. De acordo com o dicionário Houaiss (2001, p. 1707) é sinônimo de “trabalho”, mas também significa "tarefa árdua e demorada", “esforço”, “sofrimento”, “dor” e "fadiga", "ocupar-se em algum ofício ou realizar alguma coisa [...] incidir em erro, em engano [...] exercer o seu mister, entrar em função, estar em atividade". Mas é o último sentido àquele que mais se aproxima, ainda que vagamente, ao labor de Arendt (2005).

O labor referido por Arendt (2005) não é trabalho. Trata-se de distinção única sem amparo na pesquisa, verificado nos idiomas europeus (antigos ou atuais) que possuem dois termos - de origens distintas - para o que hoje é entendido como trabalho (ARENDR, 2005, p. 90). Arendt (2005, p. 96) estranha que na modernidade (momento de exaltação do trabalho como “fonte de todos os valores”, de substituição do “*animal rationale*” pelo “*animal laborans*”) não haver distinção clara entre o “*animal laborans* e o *animal faber*”.

Ainda que seja inédita a aproximação realizada pela autora, existem aproximações teóricas importantes, que de certa forma a corroboram. Arendt (2005, p. 98-99) aponta que a diferença mais importante "entre trabalho e labor" é a diferença entre “trabalho produtivo e improdutivo” - mesmo que envolva em “preconceito”.

Encontramos primeiro a distinção entre trabalho produtivo e improdutivo; um pouco mais tarde, a diferenciação entre trabalho qualificado e não-qualificado; e, finalmente, sobrepondo-se a ambas por ser aparentemente de importância mais fundamental, a divisão de todas as atividades entre trabalho manual e intelectual. [...] somente a distinção entre trabalho produtivo e improdutivo vai ao fundo da questão; e não foi por acaso que os dois grandes teóricos do assunto [...] basearam nela toda a estrutura de seu argumento (ARENDR, 2005, p. 96).

O labor tem um tipo de produção particular - ainda que apresente resultados banais e sem durabilidade – que não está contida nos resultados, mas na potência ou esforço do homem; trata-se de potência que não desaparece quando garantida a sobrevivência e manutenção da vida, pode ser usada para reproduzir outro decurso fundamental, porém, produz apenas mais existência; por isso a produção do labor cria coisas ou objetos apenas eventualmente, pois o foco central do labor é subsistir (ARENDDT, 2005, p. 99).

O labor sempre consome tempo. A manutenção da vida exige cuidados e dedicação (refeições, atividades físicas, higiene, conhecimento). Mas o labor também reina no âmbito da informação, e mais recentemente, no âmbito da tecnologia. Em uma sociedade onde a informação é insumo básico para quase tudo, é consequência natural apontar o processamento e uso de informação como labor e atividade ‘vital’. Mas esse caráter sempre esteve presente, embora menos evidente que nos dias atuais.

Mesmo a ordem social tem como finalidade o labor ou a existência da coletividade (ARENDDT, 2005). A própria sociedade pode ser entendida como a “organização pública do [...] processo vital” demonstra Arendt (2005, p. 56), sociedade composta de “operários” e “assalariados” que é orientada para a manutenção da vida pelo “labor”. Todas as atividades ligadas à manutenção da vida são labor (ARENDDT, 2005, p. 93-94).

Verifica-se então, a distinção do conceito de labor, como algo diferente de trabalho e ligado à manutenção da vida. O trabalho possui características que o distinguem do labor, apresentadas brevemente a seguir, em conformidade com o conceito de Arendt (2005):

- a) O trabalho produz “um mundo artificial de coisas”;
- b) No mundo do trabalho a fabricação de coisas é limitada e os instrumentos são previsíveis e controlados;
- c) O trabalho “cria coisas extraídas da natureza, convertendo o mundo num espaço de objetos partilhados pelo homem”;
- d) O trabalho cria objetos e visa um mundo mais bonito e “útil”;
- e) O processo de “trabalhar” termina quando o objeto está acabado;
- g) Se rege pela utilidade.

É preciso destacar que o processamento e uso de informação na sociedade atual está ligado, tanto ao trabalho quanto ao labor. No sentido de trabalho, é evidente o papel da informação para organizações e

indivíduos. O processamento de informação também cria objetos e produtos úteis. O desenvolvimento de novas técnicas e tecnologias também passa, necessariamente, pelo processamento e uso de informação. A percepção do valor da informação sobre o trabalho é evidente.

Contudo, o labor, aqui, não diz respeito ao trabalho. Muitos usos da informação também não são trabalho. Ocorrem inicialmente em benefício próprio visando facilitar a cotidiano, como verificado anteriormente. Muito do que se faz com a informação, quando não é trabalho, é labor, voltado à melhoria da vida e sua manutenção. Ou seja, é algo vital. É possível apontar um fluxo da informação vital, individual ou coletivo. Também é possível apontar a emergência de um labor informacional que toma conta de toda a sociedade. Atividade de processamento e uso de informação orientada à manutenção e melhoria da vida. O que se verifica no comportamento dos usuários (especialmente os usuários de *smartphones* ou usuários móveis). O tipo de informação utilizada e o tempo dedicado ao processamento e uso da informação são evidências desse labor.

De Masi (2000, p. 15-16) demonstrou grande sensibilidade ao vislumbrar, ainda que em outros termos, o fenômeno do labor informacional apontado no presente estudo. O autor vislumbrou que, num futuro próximo, "grande parte do tempo" das pessoas seria "dedicado à outra coisa", baseada no "tempo vago" e não no "trabalho". Apesar de não identificar com clareza o significado dessa atividade, apontou ser diferente do trabalho e que seria realizada no tempo livre dos usuários. O autor estava certo.

Mas o autor não poderia prever algumas nuances. Que a mesma tecnologia que deveria evitar a fadiga e a dor (DE MASI, 2000) e que o mesmo trabalho que seria supostamente delegado aos equipamentos eletrônicos em favor de mais tempo disponível (DE MASI, 2000, p. 107), não se tornaria realidade. Não é que a tecnologia não venha a assumir os postos de trabalho. Ao contrário da previsão acerca do tempo livre, os homens estariam cada vez mais envolvidos em torno do processamento e uso da informação. A tecnologia, de fato, deveria prover mais tempo livre (DE MASI, 2000, p. 165), mas o tempo livre foi colonizado pela Internet, pelo uso de tecnologia e informação. Atividades distintas do trabalho. A tecnologia e a informação na sociedade hodierna definitivamente não oferecem ócio (ou tempo livre) aos usuários, mas 'outras coisas'.

A informação acessada em rede pelos usuários pode ser de natureza diversa e reunir, num mesmo dispositivo móvel, redes sociais, ensino, trabalho, entretenimento. As tecnologias móveis e à conexão ininterrupta à rede também tornam os usuários mais orientados ao processamento e uso de informação, afinal, os usuários exercem a ubiquidade pela conexão ininterrupta, e isso os mantêm em atividade informacional constante.

A ubiquidade da informação e da tecnologia corrobora o labor informacional. Os níveis de



ubiquidade são apontados por Godoy Viera e Foresti (2015) na “ubinformacional”. Segundo os autores, os usuários da informação são “falso-ubíquos”, mas a informação e os dispositivos móveis não. A informação é ubíqua de fato, pois está “em todos os lugares, pessoas e coisas”, é também “ubiquitária”, pois existe “em toda parte”. Por sua vez, ainda segundo os autores, os dispositivos móveis são ubíquos pela ampla difusão e velocidade de disseminação entre os usuários.

Para realizar as inter-relações necessárias ao presente estudo entre o labor informacional, a Tabela 1 apresenta as características essenciais do conceito de labor e seus paralelos com o processamento e uso de informação na pós-modernidade.

**TABELA 1: O labor de Hannah Arendt.**

| CARACTERÍSTICAS DO LABOR  | NOTA DO AUTOR   |
|---|---|
| O “processo vital que exige o labor é uma atividade interminável” (ARENDDT, 2005, p. 135).  | Consumir, criar, compartilhar, arquivar e descartar informação, entre outros, são uma constante na vida das pessoas, do nascimento à morte.   |
| O labor se impõe pela “necessidade” (ARENDDT, 2005, p. 189).  | O consumo de informação é também uma necessidade, um imperativo da vida social e econômica, um imperativo da sociedade da informação e do conhecimento.   |
| “Corresponde ao processo biológico do corpo humano” ou “necessidades vitais” (ARENDDT, 2005, p. 15).  | Existe alguma espécie de vida que não processe e use informação? Ainda que processar informação diga respeito aos processos cognitivos, está ligada a uma necessidade da vida. Aqui, vale destacar que, mesmo a biologia entende muitos processos biológicos como trocas de informação, como será exposto mais adiante.   |
| O labor é uma atividade marcada pela precisão e banalidade das necessidades biológicas que são a sua origem, consumido no “metabolismo, individual ou coletivo” (ARENDDT, 2005, p. 345).  | Grande parte do consumo de informação, por usuários comuns, se constitui em informação ordinária, banal. Horários, receitas, cultura, entretenimento. Esse consumo compõe a vida social, e o esforço de acessar e usar informação é consumido no cotidiano dos usuários.  |
| “A condição humana do labor é a própria vida” (ARENDDT, 2005, p. 15).   | O uso da informação vai além da ciência e de tarefas operacionais, serve a vida cotidiana dos usuários, tal qual a Internet e demais tecnologias.   |
| “Nenhuma outra atividade é tão imediatamente vinculada à vida quanto o labor” (ARENDDT, 2005, p. 122).  | O processamento e uso de informação está intimamente ligada à vida dos usuários. Basta atentar ao tempo dedicado ao fluxo da informação de si, redes sociais, contatos telemáticos com familiares e amigos.   |
| Busca “tornar a vida mais fácil e longa” (ARENDDT, 2005, p. 220).   | O processamento e uso de informação busca facilitar a vida dos usuários. Vide que os aplicativos de produtividade são amplamente utilizados, seja para organizar tarefas, horários, agendas ou simples anotações em um bloco de notas.  |
| Não tem fim e “acompanha automaticamente a própria vida”, é “indiferente a decisões voluntárias ou finalidades humanamente importantes” (ARENDDT, 2005, p. 117-118).  | O uso de informação se encerra apenas com a morte do usuário, ainda que respeite as decisões voluntárias dos usuários e atenda as finalidades e objetivos que possuem valor perante o usuário.  |
| Como a “vida reside no corpo” não há operações que estejam tão próximas “à vida quanto o labor” (ARENDDT, 2005, p. 122).  | Os usos de informação, da rede e dispositivos móveis estão intimamente ligados ao cotidiano dos usuários. De tal modo que os dispositivos móveis são apontados como dispositivos íntimos e pessoais (FIRTMAN, 2010).  |
| Seus “produtos” são “produtos do metabolismo do homem com a natureza” e não possuem durabilidade para se tornarem parte do mundo porque se concentra na manutenção da vida e “é tão indiferente ao mundo [...] como se este não existisse” (ARENDDT, 2005, p. 130-131). | A informação produzida pelos usuários na sociedade atual é grandemente banal, um produto do metabolismo social, especialmente as oriundas de redes sociais. Em meio ao excesso, não possuem durabilidade alguma, especialmente em tempos de ubiquidade, em que apenas o momento importa. Esse isolamento advindo com a ubiquidade faz com que, de certa forma, surja uma espécie de esquizofrenia coletiva, em que os usuários falam a sós, o tempo todo, e, embora busquem sincronia com o mundo, ao final, o ignoram. |
| “O processo do labor move-se sempre no mesmo  | O processamento e uso de informação pelo usuário se encerra apenas  |

|  |   |
|--|---|
| círculo prescrito pelo processo biológico do organismo vivo, e o fim das fadigas e penas só advém com a morte desse organismo” (ARENDR, 2005, p. 109). | com a sua morte. Mas mesmo a morte pode ser um insumo. Muitas redes sociais já caminham em direção a um enorme cemitério virtual, dedicado à memória de seres outrora viventes.                                     |
| “Completa ausência do mundo [...] o corpo [...] embora em atividade [...] se volta para dentro de si mesmo” (ARENDR, 2005, p. 127).                    | Isso é especialmente válido nos dias atuais, de individualização extrema, mesmo do entretenimento, cada usuário com seu <i>smartphone</i> , sua TV de bolso, sempre imerso em si, em seu fluxo da informação de si. |
| A “convivência” é sua característica marcante e seus “valores” são totalmente “sociais” (ARENDR, 2005, p. 225).  | Basta atentar ao enorme valor que as redes sociais desempenham na sociedade atual. Ainda que exprima, dubiamente, isolamento e individualização.  |
| O “labor” não deixa rastros e seu resultado se consome rapidamente, quase concomitantemente ao “esforço” que foi “desprendido” (ARENDR, 2005, p. 98).  | O resultado desse uso intenso de informação de fato se consome rapidamente. Mas nunca um usuário deixou tantos rastros da informação de si.   |

**FONTE: Arendt (2005). Elaborada pelos autores.**

Assim, foram verificadas algumas nuances distintivas entre trabalho e labor. Desta forma, é possível compreender como o presente estudo pretende realizar as aproximações teóricas relacionadas e quais os procedimentos metodológicos adotados.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo explora o conceito de labor de Hannah Arendt (2005). Através desse conceito busca fazer inter-relações entre as pesquisas nacionais e internacionais das áreas de Ciência da Informação e Sociais e Humanas. Para tanto foi realizada pesquisa na base Scopus para recuperar artigos revisados por pares publicados entre o período de 2006-2016, com os termos “labor” e “informação” no título. Os idiomas usados foram Inglês e Português. Também foram utilizados livros considerados importantes no contexto do estudo. Os resultados da pesquisa bibliográfica são expostos conforme segue.

### 4 O CARÁTER VITAL DA INFORMAÇÃO

A presente seção busca apresentar visões que corroboram o caráter vital da informação. Inter-relação que já foi explorada anteriormente por autores da área de Ciência da Informação. Barreto (2002) entende o labor (ainda que não o aponte nestes termos) como circunstância “nata”, “conhecimentos” ou saberes implícitos que “nascem com o homem”, cuja “qualidade é de um estoque inicial de informação, que se acumula com o viver da vida”. Aproximação particular da informação ao conceito de labor que denota, como inerente ao homem, uma informação que o acompanha ao longo da vida e só faz crescer. Certamente o cérebro humano funciona como uma máquina ou câmera filmadora que funciona todo o tempo, captando e cooptando tudo o que lhe interessa ou não, cabendo o processamento a mecanismos que ainda hoje não são conhecidos com precisão.





Também é possível aproximar a informação ao labor através de um tema muito conhecido e explorado pela Ciência da Informação: as necessidades de informação. Le Coadic (1996, p. 40) mostra que a “necessidade de informação” de acordo com algumas abordagens, “pareceria pertencer [...] à categoria das necessidades humanas básicas”, e questiona se a informação pode “ser considerada em si mesma uma necessidade fundamental [...] física” ou uma “necessidade derivada”, ou seja, que permite suprir outros tipos de carências mais fundamentais. Segundo o autor, algumas hipóteses consideram que “os seres humanos” precisam de “informação” igualmente precisam de “alimento ou abrigo”, o que confere à informação um “status de necessidade física fundamental”. Eis a essência do caráter vital da informação.

São muitos os tipos de necessidades informacionais. Le Coadic (1999, p. 41-42) classifica as necessidades de informação em dois tipos: àquelas que surgem pela necessidade de “conhecimento” (ânsia de conhecer ou “saber”) e àquelas que surgem em “função da ação” (para realizar alguma tarefa como locomover-se, “trabalhar”, “comer”, “dormir”, “reproduzir-se”), condição para a “eficácia” das ações humanas. Ambos os tipos de necessidades estão intimamente ligadas ao labor. Tanto a informação que auxilia o usuário agir ou conhecer, proporciona melhores condições de existência material e supressão das necessidades do corpo.

A informação seria apenas uma abstração do homem para codificar e entender o universo ao seu redor, ou seria algo além? O fato é que a informação transformou a trajetória humana ao longo dos séculos. Martins (2001, p. 17) explica que é a abstração que “distingue o homem” dos outros animais, e foi ela que tornou o homem livre da “escravidão do mundo material”, é a “fonte” do “desenvolvimento espiritual” do homem. Segundo o autor o ser humano “vitalizou” sua inteligência no “primeiro fulgor abstrativo” pela linguagem, momento em que nasce o homem. Vale destacar que os signos ou a linguagem também compõe a informação (FOGL, 1979). A informação está ligada aos sinais e exprime formas de interpretação, como as mensagens (CINTRA et al, 2002, p. 19).

Discutir o caráter vital da informação é explorar o significado da informação. Mas segundo Freire (2006, p. 14) a informação é “conceito difícil de traduzir em construtos teóricos” por não ser um “fenômeno estático”. Para Le Coadic (1996, p. 5) a informação é “conhecimento” registrado em suportes como livros, vídeos, sons. Outros autores corroboram que a informação é conhecimento que pode ser transmitido (CINTRA et al, 2002, p. 19). McGarry (1999, p. 2) entende a informação como a “realidade externa” aos humanos. Ou seja, pode ser entendida como aquilo que é trocado com a natureza (MCGARRY, 1999, p. 4). Para Assumpção e Lopez (2016, p. 5) a informação “não é uma entidade física” nem mesmo “objeto tangível, visível, audível”. Quiçá seja a informação a essência dos seres e do

universo, como a alma o é dos seres vivos: não é possível ver nem tocar, mas anima todos os seres.

O processamento e uso de informação sempre foi fundamental para a manutenção da vida. Segundo McGarry (1999, p. 6-7) “captamos informações” ininterruptamente “por meio de nossos sentidos” e “rejeitamos” àquelas que “julgamos” sem importância as “nossas necessidades e propósitos”. Segundo o autor a tarefa central da vida de todas as pessoas é “tomar decisões ou reagir ao mundo dos eventos”. Marcondes (2015, p. 120) sustenta que “informar-se” é adquirir conhecimento e que, a própria “vida”, é um “processo” ininterrupto de “processamento” de acontecimentos e de “aquisição de conhecimentos”. Wurman (1991, p. 47-48) aponta um tipo de “informação interna” que é “essencial para nossa sobrevivência física”. O autor se refere as “mensagens que governam nossos sistemas internos e possibilitam o funcionamento do nosso corpo” na “forma de mensagens cerebrais”. Ainda segundo o autor, é um tipo de informação que “temos um controle menor”, contudo, é àquela que “mais nos afeta”.

De acordo com Freire (2006, p. 14) a informação “sempre foi relevante para o desenvolvimento da sociedade humana”. Desde o princípio da história humana segundo Freire (2006, p. 7), a “informação [...] esteve presente” por meio de técnicas e linguagens, por exemplo, na criação de “roupas, armas, armadilhas, mapas”, verdadeiros vetores do “conhecimento”. Ou seja, a informação “sempre foi” fator especial de garantia da “sobrevivência individual ou coletiva” reconhece Marcondes (2015, p. 120).

Mas é na sociedade hodierna que a informação ganha mais importância (MARCONDES, 2015, p. 120), sobretudo pelo seu caráter eletrônico (CAPURRO, 2007, p. 149). Atualmente os dispositivos eletrônicos e móveis “desempenham papel vital” na sociedade e se mostram “tão essenciais quanto à comida” no cotidiano dos usuários. De fato na sociedade atual o caráter vital da informação se torna mais evidente. Segundo Freire (2006, p. 10) “é inegável que o fenômeno da informação foi se tornando mais presente em nossas vidas, sua área de ação e atuação foi crescendo cada vez mais, até sua identificação com a sociedade contemporânea”. Na atualidade a informação ganha “novo destaque” e se constitui em “necessidade presente em todos os aspectos da atividade humana”, é fundamental e penetra “em todos os setores da sociedade” sustenta Freire (2006, p. 14). Segundo o autor, a informação “sempre foi” importante para a evolução social. Para Capurro (2007, p. 149) a comunicação do conhecimento é acontecimento fundamental de “toda sociedade humana”.

Lins (2015, p. 85) reconhece as transformações no “cotidiano das pessoas” pelas “interações com as máquinas”, que facilitam a vida ou “processos diários” por meio da “técnica e mecanização”. Cintra et al. (2002, p. 19) valorizam que a informação é “ingrediente indispensável do dia-a-dia das pessoas”. Todas essas visões corroboram o caráter vital da informação, sua ligação com o cotidiano, com a facilitação da vida, seu papel histórico na evolução humana, sua pervasividade em todos os setores da

sociedade e, por fim, como necessidade básica.

Ao adentrar em todos os setores da sociedade, a informação passa a ter, claramente, especial importância ao capital na pós-modernidade. É usual identificar informação como vital ao progresso das economias nacionais (CAPURRO, 2007, p. 149). Para Freire (2006, p. 7) o “fenômeno da informação” possui mais importância nos intercâmbios econômicos e “culturais da sociedade capitalista”. Em outros termos, a informação é um produto ou bem, e é fundamental ao poder de produção das nações (LYOTARD, 2002, p. 5). A tal ponto em que, mesmo a

economia está se reorganizando nos moldes de uma ciência da informação, agora que o próprio dinheiro está concluindo um arco de desenvolvimento da matéria para os bits, armazenado na memória de computadores e em fitas magnéticas, e que as finanças mundiais correm pelo sistema nervoso global. Mesmo quando o dinheiro parecia ser um tesouro material, ocupando espaço nos bolsos, nos compartimentos de carga dos navios e nos cofres dos bancos, ele sempre foi informação. Moedas e notas [...] tecnologias de vida [...] curta para o registro da informação que determina quem é dono do quê (GLEIK, 2013, p. 17).

Segundo Freire (2002, p. 11-12) a informação contém a potência do conhecimento para a atuação social de pessoas e grupos e se constitui em “nova” e “poderosa força” produtiva e de “transformação social”. É insumo central da obra epistemológica da sociedade hodierna (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2001, p. 5) e tem “papel decisivo na mudança dos destinos da humanidade” afirmam Cintra et al. (2002, p. 20).

A informação, além de insumo vital da sociedade atual, também está ligada ao fenômeno da comunicação, que faz emergir outros sentidos, também socialmente vitais. Segundo Agrasso Neto e Abre (2009, p. 29-30) é a comunicação que permite o intercâmbio de informação e se constitui em “produto [...] substância” e “matéria”, é “fenômeno natural e intrínseco ao homem”. De fato, é a comunicação que permite o intercâmbio de informação (LE COADIC, 1996). Para Agrasso Neto e Abre (2009, p. 27) a informação, seja social ou politicamente, “impõe-se como a mais poderosa força de transformação do homem” e, em conjunto as tecnologias de comunicação, orientam a evolução científica e tecnológica, por meio da troca de informação e disseminação de “novas ideias e tecnologias”. A comunicação é fenômeno intimamente ligado à informação e sua importância ao desenvolvimento e sobrevivência humana é incomensurável.

De acordo com Weber e Stumpf (2015, p. 14) a informação e a comunicação afetam a forma de “entender, registrar e intervir no mundo” através de forma ininterrupta e fundamental para todas as tarefas humanas e campos do conhecimento. Desse modo se garante, segundo os autores, o “acesso às coisas do mundo” e “indicam como a ele pertencer”, num esforço constante de “tornar visíveis os acontecimentos, coisas e sujeitos”.

Informação detém o poder de manter e expor o resultado desses processos vitais, informativos e persuasivos, tornando acessíveis seus resultados e gerando pesquisa. Da Ciência da Informação dependemos para que memórias e verdades sejam expostas e (re)constituídas. O poder da Informação está na dependência que todas as áreas de conhecimento e pessoas têm dos seus processos, tecnologias e espaços que permitem acessar dados, livros e produtos da produção de conhecimento, para que haja continuidade de pesquisa, para que realidades sejam reconhecidas e compartilhadas (WEBER; STUMPF, 2015, p. 23).

O fenômeno é de enorme complexidade, de tal forma que a relação da informação com o homem e a natureza, ainda está sendo descortinada pela Ciência da Informação e outros campos do conhecimento. Braga (1995) questiona se a informação é “universal” ou limitada aos homens, se diz respeito unicamente ao “plano mental” ou se envolve os demais “planos” (como o DNA na Biologia), se “é uma entidade básica” (tal qual “matéria e energia”) ou vai além dessas “entidades” e do próprio tempo-espaço. A autora questiona também acerca da existência de algum tipo de informação que não passe “pelo processo de comunicação”, tipos ou noções de informação que estão além das formas tradicionais, que se configuram numa “forma totalmente distinta”. Definitivamente existem muitos problemas de pesquisa ainda sem resposta, em que nenhuma possibilidade citada acima pode ser descartada, afinal, o conhecimento sobre o fenômeno da informação é pequeno e os estudos são tão recentes quanto a Ciência da Informação.

Os apontamentos expostos levam a visões mais abrangentes sobre o caráter da informação. Em algumas disciplinas o caráter vital da informação ganha contornos distintivos. Segundo Capurro (2007, p. 150) o “conceito epistemológico de informação” coloca em xeque os “processos de informação não humanos” especialmente nas disciplinas de “física” e “biologia”. Para Fogl (1979) a informação é “uma propriedade de qualquer matéria” e “instrumento de gestão” e “comunicação”. Para outros, a informação é ubíqua e está contida em tudo (GODOY VIERA; FORESTI, 2015). Gleik (2013, p. 18) sustenta que em certo momento, tudo começa a ser entendido como “uma máquina cósmica de processamento de informações”. A biologia passa a estudar o processamento de informação pelos organismos vivos e mesmo a arte da música e os genes passam a ser entendidos como informação (GLEIK, 2013). Ao final,

somos todos usuários da Biblioteca de Babel agora, e somos também os Bibliotecários. Oscilamos entre o êxtase e a perplexidade. [...] A Biblioteca perdurará - ela é o universo. Quanto a nós, nem tudo foi escrito, não estamos nos convertendo em fantasmas. Caminhamos pelos corredores, vasculhando as prateleiras e reorganizando-as, procurando linhas de conhecimento em meio a léguas de cacofonia e incoerência, lendo a história do passado e do futuro, reunindo nossos pensamentos e os pensamentos dos outros e, de vez em quando, olhando espelhos, nos quais podemos reconhecer criaturas da informação (GLEIK, 2013, p. 435).

Le Breton (2003, p. 101) corrobora a transfiguração do mundo em informação, identifica um movimento da sociedade atual que vê todos os seres vivos como uma “soma organizada de mensagens”. Mas segundo o autor, isso é negativo, pois a informação iguala os “níveis de existência” e retira dos

objetos, seres ou “coisas” sua essência, “valor” e “sentido”, apenas para torná-los cotejáveis. Ainda segundo o autor, esse restringimento do mundo à informação força, na “infinita complexidade do mundo”, modelos hegemônicos de “comparação” que inserem “realidades diferentes” em um “mesmo plano”. Para Le Breton (2003, p. 102-103) até a “biologia alcança a informática em seu terreno” ao entender os seres vivos com “mensagens”, afinal, para a informação, não existem limites entre “espécies” ou “reinos”, ela ignora o “singular”, desbota os corpos e destrói os “vestígios de ser”.

A biologia torna-se, por sua vez, uma ciência da informação. O sujeito dissolve-se em seus componentes elementares, é um feixe de informações, uma série de instruções que visa a seu desenvolvimento. As antigas perspectivas do humano dissolvem-se por não encontrar mais sujeito em seu caminho, mas genes ou informações - uma nebulosa significante, mas cujo rosto é indiferente. [...] tem [...] consequências no plano prático ou moral [...] elimina o humano do concreto [...] informação (no campo da biologia ou da informática) rompe a fronteira entre o homem e a máquina e autoriza [...] a mecanização do homem [...] destrói as distinções de valor entre o homem e seus instrumentos e introduz uma mudança moral considerável. A resolução do vivo e do inerte sob a égide da informação abre caminho à indiferenciação (LE BRETON, 2003, p. 102-103).

Esse avanço da informação sobre as pessoas e coisas vai além das superfícies. Castells (2003, p. 8) reconhece que, tanto as “atividades econômicas, sociais, políticas” quanto as “culturais”, se organizaram na atualidade pela rede. Segundo o autor, ser excluído das formações virtuais é ser excluído econômica e culturalmente. Mantovani e Moura (2012, p. 73) corroboram essa visão e apontam que os usuários da informação utilizam a “si” como informação, assim, “seus processos sociais e culturais” se transfiguram em “fluxos informacionais”. É o fluxo da informação de si, que também pode ser entendido como o fluxo da informação vital dos usuários, mais um problema de pesquisa emergente e de grande relevância na atualidade.

Contudo, é preciso questionar: quais as consequências dessa mobilização de si como fluxo de informação, da ubiquidade exercida pelos usuários, do labor informacional praticado por eles? Brum (2016) alerta para o fato de que os usuários se compreendem “tão livres como donos de *tablets* e celulares”, navegam em todos os recantos da rede, porém, não compreendem que foi estabelecida ou criada, por eles mesmos, “uma pós-submissão”, uma espécie mais daninha, grave e traiçoeira de “submissão”. Segundo a autora, a rede transformou os mundos internos e agora eles são exteriores, e os usuários são senhores e escravos ao mesmo tempo.

Os cliques da internet tornaram-se os remos das antigas galés. Remem remem remem. Cliquem cliquem cliquem para não ficar para trás e morrer. Mas o presente, nessa velocidade, é um pretérito contínuo. Se a internet parece ter encolhido o mundo, e milhares de quilômetros podem ser reduzidos a um clique, como diz o clichê e alguns anúncios publicitários, nosso mundo interno ficou a oceanos de nós. Conectados ao planeta inteiro, estamos desconectados do eu e também do outro. Incapazes da alteridade, o outro se tornou alguém a ser destruído, bloqueado ou mesmo deletado. Falamos muito, mas sozinhos. Escassas são as conversas, a rede tornou-se em parte um interminável discurso autorreferente, um delírio narcisista. E narciso é um eu sem eu. Porque para



existir eu é preciso o outro (BRUM, 2016).

Através da revisão apresentada acima, foram apresentadas as visões de diversos autores, que corroboram o caráter vital da informação. Agora, o que se pretende evidenciar, é que este caráter vital do processamento e uso de informação, seja por usuários ordinários ou especialistas, vem sendo explorado economicamente. Trata-se da capitalização do labor.

## 5 O LABOR CAPITALIZADO

Através da pesquisa bibliográfica apresentada até o momento, foram apresentadas algumas considerações importantes ao entendimento da seção que se inicia. Foi verificada a diferença entre labor e trabalho e o caráter de necessidade básica ou vital da informação. Foi apontado que grande parte do que os usuários fazem com a informação em rede pode ser considerado labor pela relação existente entre o uso de informação e a manutenção e melhoria da vida.

Na presente seção, se pretende mostrar que o esforço dos usuários sobre o seu fluxo da informação vital ou da informação de si, pode ser capitalizado pelas grandes organizações em rede. Organizações que se apropriam da informação de caráter pessoal e prático, tipo de informação orientada à manutenção e melhoria da vida: inclui entretenimento, redes sociais, sites de namoro, diretórios de vídeos, músicas, mas também sites especializados, que transmitem conhecimentos específicos, informações intimamente ligadas ao cotidiano dos usuários e seu universo. Através da capitalização do labor informacional dos usuários emerge uma nova e inusitada situação.

Todo usuário verifica a grande quantidade de publicidade em quase todos os sítios na Internet. Pode-se inferir ser essa a principal fonte de receita dos negócios em rede, e assim, aceitar com naturalidade o fato de que a sua livre navegação fomenta/valoriza a organização ou o provedor de informação. Por exemplo, a visualização de vídeos no *YouTube* que em grandes números, pode gerar receita até mesmo aos usuários comuns. Contudo, o usuário pode ser utilizado pelas organizações, ao ponto de ser entendido como um colaborador (ou trabalhador), ao arrepio dos usuários.

Obviamente algumas pessoas possuem remuneração real, pagamento que acontece em favor de usuários que possuem grande audiência nos veículos em rede, como *YouTube* e sites de forma geral. O *Google Adwords* é exemplo real que busca remunerar os usuários que cedem espaços de publicidade em seus sites, blogs. Mas são poucos os que ganham grandes quantias e são bem sucedidos (JENKINS, 2009). É preciso muito acesso e audiência para tal. Mas esses poucos exemplos são grandemente propagados entre os usuários pela grande mídia, o que evidencia um incentivo claro para a prática da





convergência midiática.

Convergência é entendida aqui nos termos de Jenkins (2009, p. 30), uma mudança de comportamento que se dá na mente dos usuários e em suas interações (é mais que mera tecnologia). Segundo o autor, “cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana”. Ainda segundo o autor, isso se dá pelo excesso de informação existente, além da capacidade humana, então, ocorre esse “incentivo extra” para lidar e falar sobre o consumo midiático. É o fluxo da informação de si ou vital, que mistura vida cotidiana com mídia de massa, processa e cria conteúdos, dados, informação, conhecimento, compartilha, recebe, arquiva. Quem adere a esse fluxo se torna fonte de informação.

Foi visto que o labor difere do trabalho e gira em torno da manutenção da vida, portanto, vital. Essa temática já foi explorada em Ciência da Informação, ainda que seja um problema de pesquisa muito recente. O estudo de Albagli (2013) destaca-se incontestemente: apresenta uma série de conceitos e autores importantes relacionados: o conceito de “informação viva” de Pasquinelli (2011 *apud* ALBAGLI, 2013, p. 113); de “mais valia das redes” ou “mais valia 2.0” de Dantas (2011 *apud* ALBAGLI, 2013, p. 121); de “trabalho” e “saber vivo” de Roggero (2011 *apud* ALBAGLI, 2013, p. 111-112); de “trabalho imaterial” (NEGRI, 2003 *apud* ALBAGLI, 2013, p. 111; COCCO, 2000 *apud* ALBAGLI, 2013, p. 110; LAZZARATO; NEGRI, 2001 *apud* ALBAGLI, 2013, p. 114); de “capitalismo cognitivo” de Marazzi (2009 *apud* ALBAGLI, 2013, p. 110). São conceitos intimamente relacionados ao presente estudo e que reforçam a tese de que os usuários trabalham de graça para organizações que desconhecem. São conceitos e visões que não serão detalhados ou descritos aqui, mas que emergem ao longo da revisão de literatura.

O labor - como visto anteriormente no sentido de Arendt (2005), entendido como atividade vital - vem sendo capitalizado e pode ser considerado como espécie de trabalho não remunerado, e os usuários, como colaboradores que trocam salário por informação. Segundo Albagli (2013, p. 113) tratam-se de novos fluxos de “trabalho infocomunicacional”. Albagli (2013, p. 115) reconhece que em muitas organizações o “ativo” central não é mais o “capital fixo”, nem mesmo “empregados” que recebem salários, mas os “usuários” não remunerados, sendo esta uma tendência global. Segundo a autora, isso exprime habilidades de leituras desses novos fluxos de informação. Albagli (2013, p. 116-117) também aponta uma “difusão do modo de produção comunicativo e interativo em rede”, que criam outras maneiras e “lógicas espaciais” sobre os “espaços de fluxos”. Trata-se, segundo a autora, de “novo modo de produção” em que o caráter central é a função das “redes digitais de informação e comunicação descentralizadas”.

O que se tem é a produção de mundos/formas de vida/significações, conhecimento gerando conhecimento, trabalho vivo produzindo trabalho vivo. Produção aqui vista não apenas no sentido econômico estrito, mas também como mobilização, cooperação e comunicação entre subjetividades, envolvendo afetos, corpos e linguagem, tornando produtiva a própria vida social, intelectual e afetiva (ALBAGLI, 2013, p. 112).

As organizações capitalizam o labor ou atividade vital dos usuários no âmbito da informação (o fluxo da informação de si), trocam o acesso à informação por ‘força vital’ de informação e alguns dados pessoais. Ainda que o que seja realizado pelos usuários em rede seja labor (portanto, diferente de trabalho), pode estar emergindo um novo tipo de operário, que desconhece sua condição de operário. É de fato algo muito sutil, mas que não escapa as observações mais atentas.

Os usuários da informação hodiernos podem ser entendidos como verdadeiros operários, que dedicam cada vez seu tempo, que deveria ser livre (pois já realizam alguma atividade remunerada), às muitas ferramentas dispostas em rede, inclusive no ambiente de trabalho. Desta forma, esse usuário pode sofrer fadiga e seu corpo padecer, tal qual trabalhadores braçais. Não recebe salário (mas sim informação) e o seu tempo dedicado (labor, fluxo vital) é capitalizado por terceiros. Assim, são identificadas algumas tendências pós-modernas acerca do trabalho, internet e coletividade, em que o trabalhador/usuário da informação é grandemente afetado. Albagli (2013, p. 121) reconhece que se inaugura um “novo ciclo de lutas” do trabalhador sob a égide do “saber vivo”, ao passo que, na atualidade, o capital acumula e extrai a mais valia via “conhecimento, criatividade, inovação”.

Existe claramente uma troca: o usuário fornece seus dados em troca de acesso e uso de determinadas ferramentas ou aplicações. Pode-se afirmar que esse usuário trabalha e labora ao mesmo tempo. Albagli (2013, p. 111) explica que “é a vida toda e todo o tempo de vida que são postos a trabalhar, e o que se produz não é mais o excedente, mas a excedência de formas de vida”. Segundo a autora coincidem “tempo de vida e tempo de trabalho, produção e reprodução”. Trata-se da “mais valia absoluta com a extensão do tempo de trabalho sobre o tempo de vida” afirma Albagli (2013, p. 121). Para a autora, o que se vislumbra é a “dimensão coletiva da mais valia”. Qualquer usuário da rede e de smartphones pode verificar por si a veracidade dessas observações.

Os usuários são dominados segundo De Masi (2003, p. 397-398), uma dominação e “submissão” que antes acontecia nos limites das fábricas e empresas, hoje acontecem, em escala global, por meio da “imposição, aqui e agora” de decisões tomadas “ontem, em outro lugar e por outras pessoas”. O autor exemplifica que, até mesmo grandes cientistas que ao longo dos dias realizam nobres trabalhos em laboratórios, “de noite, diante da televisão, reduz-se a usuário-telespectador subalterno”, ao adoecer se entrega as decisões e métodos da ciência médica. Esse domínio ocorre, ainda segundo o autor, de cima

para baixo, porque a ciência (no topo) cria novos problemas de pesquisa (ou "oportunidades"), e os empreendedores (ou "modernizadores") materializam essas oportunidades, e, em baixo, ao final, os usuários são "colonizados".

São os "sistemas abstratos" ou invisíveis verificados por Giddens (2002, p. 28) que impactam sobre todos na sociedade hodierna apesar de permanecerem desconhecidos por muitos os meios e ações desses sistemas, e muitas vezes, a sua própria existência. Vide as ciências da informática ou o campo relacionado à genética, frutos da mente do homem, que não surgiram do mundo natural, que emergiram da criatividade e da informação produzida pela criatividade, com potencial infinito (DE MASI, 2003).

É preciso explicar o papel preponderante da ciência no contexto do labor. De Masi (2003, p. 395) explica que a ciência hoje já não busca mais responder antigos problemas de pesquisa, ao contrário, "os centros de pesquisa e os laboratórios modernos" fazem uso da ciência para criar "campos inteiramente novos", de forma a suprir as necessidades de sobrevivência humana. Em outros termos, segundo o autor, "a sociedade industrial produzia novas respostas, novas soluções; a sociedade atual produz novas perguntas, novas questões, novos problemas e novos campos de ação". De Masi (2003, 407) sustenta que o papel da ciência na atualidade é "modernizar as práticas cotidianas". E nisso reside à centralidade da ciência e dos cientistas no mundo atual. (DE MASI, 2003). Essas observações mostram o papel da ciência em relação ao fenômeno do labor em rede.

O lugar central já não é mais a fábrica [...] mas o laboratório científico onde se desenvolvem novos saberes e novas patentes [...] onde se produzem novas informações [...] onde novas estéticas são produzidas. O futuro já não é planejado [...] pelos políticos, mas pelos cientistas, pelos comunicadores e pelos artistas, pelos modernizadores, enquanto os políticos normalizam a produção e o consumo. Como as ideias se tornam produtos ocorre no tempo-espaço diverso ao da fábrica, desarticulados no tempo-espaço. São novas relações de poder em torno de 'futuros possíveis' definidas pelos 'cientistas e especialistas', 'totalmente à mercê dos usuários', que não são 'uma população homogênea', 'dominada', mas muitos tipos de pessoas, com muitos papéis, ora 'hegemônicos', ora 'subalternos' (DE MASI, 2003, p. 405).

Mas a capitalização do labor antecede às tecnologias. Basta observar a importância dos muitos serviços e produtos que 'facilitam e melhoram a vida das pessoas'. Produtos banais como detergentes, sabonetes, talheres, louças, remédios, roupas, alimentos, produtos que movimentam indústrias de dimensões globais, e pode ser entendida, também, como espécie de capitalização do labor, uma capitalização baseada em produtos físicos, que objetivam a manutenção e facilitação da vida. Serviços médicos, terapias, e mesmo o serviço de biblioteca, também podem ser entendidos sob este viés, ao passo que corroboram com as tarefas vitais da sociedade. Contudo, na sociedade atual, a capitalização do labor não envolve mais apenas produtos e serviços, envolve também o processamento e uso de informação em rede, interações, necessidades de informação, conhecimento e entretenimento: todos capitalizados de

forma similar a muitos produtos e serviços, porém, com algumas nuances distintas.

Emerge a exploração do labor dos usuários pelo capital. Agger (2011, p. 120) identifica a emergência de um "*new labor process*" originado pela conexão ininterrupta à rede ou pela acessibilidade extrema. Segundo o autor, essa acessibilidade pode ser comparada ao conceito de "*commodity form*" de Marx, reflete-se nos "*outputs* eletrônicos" que mercantilizam o "bem em potencial" do "tráfego livre da internet". Ainda que o autor aplique o termo labor no sentido de trabalho, sua abordagem ilustra claramente o fenômeno apontado na presente pesquisa. A acessibilidade ininterrupta à rede se traduz no exercício da ubiquidade pelos usuários através de dispositivos móveis (GODOY VIERA; FORESTI, 2015) e em níveis menores, via *desktops*. É a mobilidade tecnológica que proporciona o pleno exercício da ubiquidade.

E quais seriam as consequências dessa mercantilização do labor? Pode-se afirmar que o trabalho se transfigura numa abstração, e isso dizima a fronteira entre trabalho pago e não pago, por fim, faz do trabalho algo presente em todos os lugares e se auto multiplicar infinitamente (AGGER, 2011, p. 120-121). Seria esse o custo de usar a rede e as novas tecnologias da informação? Ao usar qualquer aplicação em rede, o usuário agrega valor ao instrumento, não apenas por ser mais um cliente, mas especialmente por mobilizar seu tempo e esforço de informação em determinado sistema. É justamente isso que torna as redes sociais populares e valiosas: usuários com seu cotidiano e interações, e não a ferramenta em si.

As organizações em rede compreenderam a possibilidade de lucrar com o fluxo da informação de si dos usuários. Till (2013, p. 33) descreve que esse novo tipo de trabalho foi compreendido e cooptado rapidamente pelos pioneiros da rede, essa nova forma de trabalho é relacionado ao poder de conexão dos usuários e estabelece "novas estruturas de trabalho" baseadas no capital, sonhos e utopias digitais. Segundo o autor, o trabalho tradicional é trocado pelo "trabalho-lazer", que por sua vez, é capitalizado pelas empresas em rede, gerando novo modelo de negócio, responsável por uma verdadeira "*like economy*". Episódio "*Nosedive*" da série Black Mirror (2011) da Netflix leva ao extremo a questão da economia dos *likes* e mostra alguns futuros possíveis. No referido episódio as pessoas são avaliadas o tempo todo e recebem notas que influenciam toda a sua vida em sociedade, gerando uma comunidade de cínicos, presos às aparências por necessidade, com todos os movimentos em rede calculados visando acumular "curtidas".

Essa nova economia possui características muito peculiares. A verdadeira "*like economy*" segundo Till (2013, p. 33), valoriza os dados de transações dos usuários; faz as distinções entre "trabalho e lazer", "programador e usuário", desaparecerem; faz o usuário criar valor para as organizações, ao mesmo tempo em que, esse mesmo usuário, permite novas formas de controle sobre si, em troca de "*a certain kind of*

*digital freedom*”. Ela substitui escritórios e salários por sedução, emoção, prazer, diversão, atua como espécie de governo invisível à distância (que orienta o neoliberalismo avançado) onde o tempo é gerido de forma diferenciada, para ampliar as formas de trabalho; o usuário comum é seduzido para se engajar e envolver-se nos mesmos fluxos de trabalho não remunerado, que idealmente, acontece ininterruptamente, mesmo ao longo de outras atividades (inclusive do trabalho propriamente dito); assim, os usuários realizam tarefas de forma similar a fabricação de produtos (coletivamente e com dados agregados sobre si); esse fenômeno é tão intenso que obrigou a França, entre outros países, taxar a coleta de dados pessoais dos usuários. (TILL, 2013, p. 39-40). Seria o advento de uma nova dupla jornada generalizada, que transcende nações, gêneros, idades e classes sociais?

Ao utilizar as aplicações em rede nos momentos de ócio ou lazer, o usuário pode ser monitorado, ter seus dados de transações de informação vendidos e usados como mercadorias. Esse é mais um dos aspectos que evidenciam que o processamento e uso de informação em rede, pode ser entendido como trabalho não remunerado. Mas se trata de novo tipo de trabalho, em que o colaborador/empregado desconhece sua condição, contudo, não a organização, que conta ativamente com sua atuação, o incentiva e o recompensa com informação.

Esse fenômeno sinaliza nova espécie de escravidão, contudo mais sombria, onde o escravo desconhece a sua condição. Definitivamente, sob o ponto de vista de alguns autores (ALBAGLI, 2013; TILL, 2013; AGGER, 2011) muitas atividades informacionais em rede podem ser entendidas como trabalho não remunerado. Atividades simples, cotidianas, de entretenimento ou relações sociais, em que usuários agregam valor às organizações com as suas histórias de vida, opiniões, contatos, documentos, conhecimento, informação. Mas em essência, no fluxo da informação de si ou vital, os usuários dispendem tempo e esforço físico e cognitivo. Também passam a usar os espaços físicos de formas distintas.

As interações em rede representam grande parte do esforço dos usuários, especialmente dos usuários móveis (ou de dispositivos móveis), como verificado anteriormente. Mecanismos semióticos e comunicativos que atuam ativamente na sociedade e são componentes fundamentais da relação produtiva (PLEIOS, 2012, p. 231). Segundo Pleios (2012, p. 237) a *“the social production and consumption of communication that is commercialized is characterized by the same procedures and relations between producers and businesses as well as the production of material commodities”*. Trata-se de regime em que a laboração se fundamenta na cooperação econômica com o veículo de informação, em forma de voluntariado, uma interação que produz (MASIP, SUAUI, 2015, p. 133).

Arvidsson (2006, p. 674) aponta o “trabalho imaterial” e a “mercantilização do afeto”, que os



especialistas não consideram a “produção imaterial” como economicamente significativa, mas essa mesma produção impalpável, cria significados e “experiências estéticas” compartilhadas. Segundo o autor, o nascimento desse tipo de trabalho se dá nos anos setenta, evidenciado nas discussões sobre o valor do trabalho doméstico exercido pelas mulheres: um tipo de trabalho ligado a “produção de afeto e cuidados em geral”. Ainda segundo o autor, é possível haver um elo entre as interações ou mediações sociais e “produtividade do afeto”.

Mas o que é o trabalho impalpável ou invisível? Hardt e Negri (*apud* PRADO; PINTO, 2014, p. 61) definem o “trabalho imaterial” como àquele que cria bens imateriais ou produtos culturais, “conhecimento ou comunicação”. É uma nova forma de exploração do trabalho (AMORIM, 2009). Segundo Prado e Pinto (2014, p. 61) esse conceito esclarece o cenário capitalista hodierno, cujos produtos são bens econômicos, e o “trabalho” é realizado como “concreto” ou real, afinal, produz “valor de uso”. Prado e Pinto (2014, p. 63) distinguem o “trabalho abstrato” como àquele que emerge nos processos sociais e são suportados pelo dispêndio de “energia humana” - contudo, diferente desse dispêndio de energia.

Todo trabalho humano concreto sempre implica, independentemente de quaisquer condições sociais e históricas particulares, um dispêndio de cérebro, músculos etc. Entretanto, no modo de produção capitalista, esse gasto de energia humana, em virtude de seu próprio modo de funcionamento do sistema de relações sociais, é transformado em trabalho abstrato – uma expressão socialmente válida dessas relações que são aí travadas de modo indireto e, por isso, intransparente (PRADO; PINTO, 2014, p. 63).

São todas mudanças advindas do uso generalizado de tecnologia (internet, informação); usuários se adaptam ao mundo virtual e transfiguram-se em “operadores simbólicos” sustentam Prado e Pinto (2014, p. 64). Segundo os autores, emerge uma grande transformação no mundo do trabalho, em sua forma, essência e qualidade, porque na mudança do paradigma econômico (do modelo econômico “industrial” ao modelo atual baseado na informação), o trabalho deixou de ser “mecânico” e passou a criar “comunicação, conhecimento, cultura” e “afetos”.

Outros autores corroboram essa visão (LIMA et al., 2011). Para Lima et al. (2011, p. 1-2) o “capitalismo informacional” transfigura a ordem “social da produção econômica” e centraliza os “bens imateriais”; o “trabalho imaterial” é dominante na “produção” hodierna e seus “principais produtos são imateriais”, tais como informação, conhecimento e “bens culturais”, de forma que os âmbitos econômico e sociocultural da vida, estão intimamente ligados. É a “*Nosedive*” do Black Mirror (2016) citada anteriormente.

As formas de trabalho imaterial dependem das redes comunicativas e colaborativas compartilhadas, e produzem novas redes de relações intelectuais, afetivas e sociais. Essas formas de trabalho apresentam novas possibilidades de gestão econômica, pois os mecanismos de



cooperação necessários para a produção estão contidos no próprio trabalho. Pode-se ver que esse potencial se aplica também a auto-organização política e social. [...] O trabalho imaterial repousa sobre as capacidades expressivas e cooperativas que não se podem ensinar, sobre uma vivacidade presente no uso do saber e que faz parte da cultura do cotidiano (LIMA *et al.*, 2011, p. 4).

No contexto do labor a informação desempenha papel central. Amorim (2014, p. 34) aponta a “informação e o conhecimento” como “o núcleo duro do trabalho imaterial”. O consumo não é mais apenas de objetos, mas também de informação (AMORIM, 2009, p. 178). Amorim (2009, p. 181) sustenta que, ainda que a informação seja entendida como “subproduto do trabalho dito imaterial”, ela não deixa de ser formada “por tempo de trabalho explorado e não pago”, e isso “fundamenta e reproduz o capital como relação social” dominante no “capitalismo contemporâneo”.

A informação e o conhecimento também são mercadorias e sofrem o impacto do labor. Segundo Lyotard (2002, p.7) o conhecimento não é mais disseminado pelo “seu valor formativo” e “importância política”, e a dicotomia já não é mais entre “saber” e “ignorância”. O conhecimento na atualidade sustenta o autor flui pela lógica do dinheiro, se transfigura em conhecimento de “pagamento” e de “investimento” e é “trocado no quadro de manutenção da vida cotidiana”. Ao final, são estratégias e táticas de sobrevivência pela informação e conhecimento. Albagli (2013, p. 110) relaciona a “informação”, a “comunicação” e a “linguagem” como os novos “elementos produtivos”:

A linguagem produzindo informação no interior mesmo da esfera do trabalho, no que se irá caracterizar como uma virada linguística da economia. Esses elementos constituem tanto matéria-prima quanto instrumento de trabalho, sendo este investido de um caráter crescentemente comunicativo-relacional-linguístico (ALBAGLI, 2013, p. 110).

De fato, a sociedade hodierna é extremamente dependente de informação, seu uso tornou-se tão importante e banal quanto comer e beber. Comunicar, informar, ser informado, trânsito, previsão do tempo, horários. Processar e usar informação ocupa cada vez mais espaço na vida das pessoas. O mundo foi reduzido à informação (LE BRETON, 2003) juntamente com as pessoas, que assim, consomem o mundo, a si e aos outros, numa antropofagia informacional.

Um exemplo em particular sobre o caráter de labor da informação é ilustrativo: basta observar a grande quantidade de tutoriais dispostos em rede (em muitos formatos), para orientar os usuários sobre como realizar as tarefas mais simples do dia a dia: dobrar uma camiseta, limpar morangos ou grelhas. Tudo isso reflete o caráter instrumental e utilitário da informação, a informação utilitária nunca teve tanto valor e sociedade está sedenta por receber e compartilhar conhecimento, informação, imagens, mensagens, visões, opiniões, interações, como nunca antes na história da humanidade.

## 6 CONCLUSÕES

O presente estudo apresentou diferentes abordagens que destacaram o valor da informação, seja como insumo econômico, social ou cultural. Também buscou revelar a face mais profunda da informação, intrínseca ao homem e sua sobrevivência: o seu caráter vital. E assim, mostrar o processamento e uso de informação como algo sempre presente ao longo da existência humana, para além da sociedade da informação e do conhecimento. Em outros termos, buscou-se mostrar a informação como algo que transcende o homem e compõe a natureza, tal qual o fogo e o ar.

Para atingir esses objetivos foi apresentado o resultado de pesquisa bibliográfica com autores da grande área de Ciências Sociais Aplicadas. Para tanto, o norte advindo do conceito de labor de Hannah Arendt (2005) foi fundamental, bem como a sua associação com o processamento e uso de informação na contemporaneidade. Eis a grande contribuição teórica da presente pesquisa.

Foi verificado que a associação teórica entre labor e informação não é nova em Ciência da Informação, contudo, é tema pouco explorado. O presente estudo aprofunda ainda mais essa relação e amplia o escopo teórico da Ciência da Informação. Ainda que a importância da informação seja reconhecida por muitos autores, abordar teoricamente a informação como algo vital, permite novos olhares e abordagens, ao mesmo tempo, ilumina novos problemas de pesquisa. É o começo de uma relação teórica que pode, quiçá, reunir as abordagens e ser utilizado como *background* teórico para muitos outros estudos em Ciência da Informação.

Tão importante quanto à contribuição epistemológica, foi a verificação, através da literatura científica, que o labor informacional dos usuários vem sendo capitalizado pelas organizações em rede. O usuário da informação hodierno, em seu esforço de tornar a vida melhor e mais fácil, corre o risco de que seu fluxo de informação vital (ou fluxo da informação de si) seja capitalizado por terceiros, ao mesmo tempo em que se torna um novo tipo de operário que é desconhecedor de sua condição, que labora em rede de forma intermitente e sem ganhos. Pode estar se tornando prisioneiro da rede (CASTELLS, 2003, p. 141). Novo usuário da informação que é móvel enquanto usuário de dispositivos móveis e se torna vítima não apenas da rede, mas antes, de sua própria mobilidade, ubiquidade, informação e tecnologia. A aproximação teórica sobre o labor imaterial evidencia este fato.

O presente estudo também contribui com uma reflexão necessária sobre o uso da Internet e comportamentos adjacentes. Pode interessar ao usuário comum de tecnologia, e não apenas aos pesquisadores da área de Ciência da Informação. Afinal, a reflexão realizada corrobora com o letramento

ou competência em informação, tão necessária na atualidade. É preciso saber navegar para não se tornar vítima da rede, é preciso conhecer as fontes, usar da ética e da técnica, e, antes de tudo, refletir e questionar.

Muitos problemas de pesquisa se destacaram ao longo do presente estudo. Estudos futuros sobre o labor informacional, sua caracterização, capitalização, impacto sobre os usuários, são temas possíveis. Também é importante conhecer os diferentes níveis e nuances do labor e sua relação com os diferentes tipos de tecnologias. Estudar as percepções dos usuários sobre o caráter vital da informação e as implicações no *human information behavior* também se mostram importantes. Outros estudos que explorem o acesso e uso de informação utilitária e também hedônica podem revelar nuances importantes. Por fim, estudos futuros sobre o fluxo da informação de si ou vital podem ajudar na compreensão dos usuários da informação pós-modernos.

## REFERÊNCIAS

- AGGER, Ben. iTime: Labor and life in a smartphone era. **Time and Society**, n. 20, p. 119–136. 2011.
- AGRASSO NETO, Manoel; ABREU, Aline França de. **Conhecimento científico**: subsídios para gestão de serviços de referência e informação. Florianópolis: UFSC, 2009. 232 p.
- ALBAGLI, Sarita. In:\_\_\_\_\_. ALBAGLI, Sarita. (org.). **Fronteiras da Ciência da Informação**. Brasília: IBICT, 2013. p. 109-128.
- AMORIM, Henrique. As teorias do trabalho imaterial: uma reflexão crítica a partir de Marx. **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n. 70, p. 31-45, jan./abr. 2014.
- AMORIM, Henrique. Prática política, qualificações profissionais e trabalho imaterial hoje. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 17, n. 33, p. 175-185, jun. 2009.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- ARVIDSSON, Adam . Quality singles: internet dating and the work of fantasy. **New media & society**, London, v. 8, n. 4, p. 671-690, 2006.
- ASSUMPÇÃO, Luiz Carlos Flôres; LOPEZ, André Porto Ancona. **O conhecimento científico e a multimodalidade informacional**. Informação & Informação, Londrina, v. 21, n. 1, p. 4-28, jan./abr. 2016.
- BARRETO, A. de Albuquerque. A condição da informação. **São Paulo Perspectiva**, São Paulo, v. 16, n.



3, p. 67-74, jul. 2002.

BILAWAR, P.B. Use of mobiles by library and information science professionals: A survey, **DESIDOC Journal of Library and Information Technology**, v. 35, n. 6, pág. 422-426, 2015. DOI: 10.14429/djlit.35.6.8898.

BLACK MIRROR. **Nosedive**. Direção de Joe Wright. Baseado na estória de Charlie Brooker. Produzido por Laurie Borg. Produtores executivos: Annabel Jones e Charlie Brooker. Duração: 01:03:02 min. Netflix. House of Tomorrow, Endemol Shine UK, Black Mirror Drama LTD 2016. son., color.

BOMHOLD, Catharine Reese. Educational use of smart phone technology. **Program: electronic library and information systems**, vol. 47, 4 p. 424-436, 2013.

BRAGA, Gilda Maria. Informação, Ciência da Informação: breves reflexões em três tempos. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, 1995.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2014**: hábitos de consumo de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2014. 151 p.: il. Disponível em:

<<http://observatoriodaimprensa.com.br/download/PesquisaBrasileiradeMidia2014.pdf>>. Acesso em: 19/12/2014.

BRAZIL Digital Report, McKinsey & Company, abr. 2019. Disponível em:

<<https://www.mckinsey.com/br/our-insights/blog-made-in-brazil/brazil-digital-report>>. Acesso em: 25/08/2019.

BRUM, Eliane. Exaustos-e-correndo-e-dopados: Na sociedade do desempenho, conseguimos a façanha de abrigar o senhor e o escravo no mesmo corpo. **El País**, 04 jul. 2016. Acesso em: 06/07/2016. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/04/politica/1467642464\\_246482.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/04/politica/1467642464_246482.html)>.

CAO, J. T. et al. Hedonic and utilitarian value: the role of shared responsibility in higher education services, services, **Journal of Marketing for Higher Education**, v. 29, n. 1, p. 134-152, 2019.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.12, n.1, p.148-207, abr. 2007.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar: 2003.

CINTRA, Anna Maria Marques *et al.* **Para entender as linguagens documentárias**. 2. ed. São Paulo: Polis, 2002.

DE MASI, Domênico. **O ócio criativo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. 336 p.

DE MASI, Domênico. **Criatividade e grupos criativos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. 795 p.

FIRTMAN, M. **Programming the mobile web**. Sebastopol: OReilly Media, 2010. Disponível em: <[ftp://ftp.micronet-rostov.ru/linux-support/books/programming/Mobile-Apps/\[O%60Reilly\]%20-](ftp://ftp.micronet-rostov.ru/linux-support/books/programming/Mobile-Apps/[O%60Reilly]%20-)



%20Programming%20the%20Mobile%20Web%20-%20[Firtman].pdf>. Acesso em: 25/05/2019.

FLEMING, Nic. Plantas se comunicam e ‘brigam’ usando ‘internet de fungos’. **BBC Brasil**, 28/11/2014. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141128\\_vert\\_earth\\_internet\\_natural\\_dg](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141128_vert_earth_internet_natural_dg)>. Acesso em: 19/01/2017.

FOGL, J. Relations of the concepts 'information' and 'knowledge'. **International Fórum on Information and Documentation**, The Hague, v.4, n.1, p. 21-24, 1979.

FREIRE, I. M.. Da construção do conhecimento científico à responsabilidade social da Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 12, n.1, 2002.

FREIRE, Gustavo Henrique. **Ciência da Informação: temática, história e fundamentos**. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 6-19, jan.,/abr., 2006.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. 233 p.

GLEIK, James. **A informação: uma história, uma teoria, uma enxurrada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GLOBAL Mobile Market Report. Free Version, Newzoo, 2018. Disponível em: <[https://resources.newzoo.com/hubfs/Reports/Newzoo\\_2018\\_Global\\_Mobile\\_Market\\_Report\\_Free.pdf?\\_\\_hstc=133451409.630dc6d7d751ca2773fac2f878d3296.1566861263159.1566861263159.1566861263159.1566861263159.1&\\_\\_hssc=133451409.3.1566861263160](https://resources.newzoo.com/hubfs/Reports/Newzoo_2018_Global_Mobile_Market_Report_Free.pdf?__hstc=133451409.630dc6d7d751ca2773fac2f878d3296.1566861263159.1566861263159.1566861263159.1566861263159.1&__hssc=133451409.3.1566861263160)>. Acesso em: 26/08/2019.

GODOY VIERA, Angel Freddy; FORESTI, F. A ubiquidade proporcionada pelos dispositivos móveis e o fluxo da informação. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, ago. 2015.

GONZÁLEZ de Gómez, M Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 5-18, 2001.

HOCK, D. **Nascimento da era caórdica**. São Paulo: Cultrix, 1999. 295 p.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Acesso à internet e à televisão e posse de telephone móvel celular para uso pessoal: 2014. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95753.pdf>>. Acesso em: 25/05/2016.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JORDAAN, D. B.; SURUJLAL, J. Social Effects of Mobile Technology on Generation Y Students. **Mediterranean Journal of Social Sciences**, v. 4, n. 11, out. 2013.

JUNG, Yoonhyuk. What a smartphone is to me: understanding user values in using smartphones. **Information Systems Journal**, 24, p. 299-321, 2014.



- KIBONA, Lusekelo; MGAYA, Gervas. Smartphones' Effects on Academic Performance of Higher Learning Students. A Case of Ruaha Catholic University Iringa, Tanzania. **Journal of Multidisciplinary Engineering Science and Technology**, v. 2, n. 4, p. 777-784, abr. 2015.
- LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003. 240 p.
- LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.
- LE MOS, André. **Mídia locativa e territórios informacionais**. 2007. Disponível em: <<http://www.andrelemos.info>>. Acesso em: 13/07/2015.
- LEITE, Juliana. A ubiquidade da informação digital no espaço urbano. **Logos**, comunicação e sociedade. n. 29, ano 16, 2 semestre de 2008.
- LIMA, C. R. M. *et al.* Trabalho imaterial, produção cultural colaborativa e economia da dádiva. **Revista de Economia Política das Tecnologias da Informação e da Comunicação**, v. XIII, n. 1, abr. 2011.
- LINS, Greyciane Souza. A tecnologia e cultura de informação como cenário de pesquisa para a ciência, **Biblios**, n. 61, p. 85-92, 2015.
- LYOTARD, Jean François. **A condição pós-moderna**. 7. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2002. 131 p.
- MASIP, Pere; SUAÛ, Jaume. Informação e participação na era da televisão ubíqua. In.: SERRA, Paulo; SÁ, Sônia; SOUZA FILHO, Washington. A televisão ubíqua. Portugal: Livros LabCom, 2015. p. 125-144.
- MANTOVANI, Camila Maciel Campolina Alves; MOURA, Maria Aparecida. Informação, interação e mobilidade. **Informação e Informação**, Londrina, v. 17, n. 2, p. 55-76, mai./ago. 2012.
- MARCONDES, Carlos Henrique. Análise ontológica de definições de informação: em busca da sua essência. **TransInformação**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 105-122, maio/ago., 2015.
- MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- MCGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.
- MERCHANT, Guy. Mobile practices in everyday life: Popular digital technologies and schooling revisited. **British Journal of Educational Technology**, v. 43, n. 5, p. 770-782. 2012.
- MUTCHLER, Leigh A.; SHIM, J.P.; ORMOND, Dustin. Exploratory Study on Users Behavior: Smartphone Usage, **AMCIS 2011 Proceedings**. Disponível em: <[http://aisel.aisnet.org/amcis2011\\_submissions/418](http://aisel.aisnet.org/amcis2011_submissions/418)>. Acesso em: 05/05/2015.
- OULASVIRTA, Antti *et al.* Habits make smartphone use more pervasive. **Pers Ubiquit Comput.** jun. 2011.



PRADO, Eleutério F. S.; PINTO, José Paulo Guedes. Subsunção do trabalho imaterial. **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n. 70, p. 61-74, jan./abr. 2014.

PLEIOS, George. Communication and Symbolic Capitalism. Rethinking Marxist Communication Theory in the Light of the Information Society. **TripleC**, v. 10, n. 2, p. 230-252, 2012.

SILVA, J. L. C.; FREIRE, G. H. de A. Um olhar sobre a origem da Ciência da Informação: indícios embrionários para sua caracterização identitária. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 17, n.33, p.1-15, 2012.

TILL, Chris. Architects of time: Labouring on digital futures. **Thesis Eleven**, v. 118, n. 1, p. 33-47, 2013.

WEBER, Maria Helena; STUMPF, Ida Regina. O debate retomado: conflitos e convergências entre comunicação e informação, **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 11-27, set./dez. 2015.

WHITTEN, D.; HIGHTOWER, R.; SAYEED, L. Mobile device adaptation efforts: The impact of hedonic and utilitarian value, **Journal of Computer Information Systems**, v. 55, n. 1, pág. 48-58, 2014.

WURMAN, R. S. **Ansiedade de informação**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1991. 380 p.

## AGRADECIMENTO

Aos meus orientadores Angel Freddy Godoy Vieira e Gregório Varvakis pela paciência e atenção dispensada.

## VITAL ASPECTS OF INFORMATION: OUR DAILY LABOR

**Abstract:** Information has always been important, but it is in today's society that the information gets special importance. More than an input of the new economy, information has a vital character and the processing and use of information is transformed into labor, in the sense of vital activity. The objective is show the vital character of the information through theoretical approaches between authors from the areas of Information Science, Social and Human Sciences, taking the concept of labor of Hannah Arendt (2005). Also aims to show that the vital effort from the users has been capitalized by networked organizations. Bibliographic research made in Scopus database, with the terms 'labor' and 'information' in the title, that retrieved articles published between 2006-2016. The languages used were English and Portuguese. Were also used books with different dates, considered important to the study. It concludes that the processing and use of information can be configured as labor, that information transcends man and composes nature. At the same time, it finds that the vital effort or flow of information itself has been capitalized by networked organizations. It shows that the relationship between labor and information is not new to Information Science, but little explored. And thus, many adjacent research problems emerge. Finally, it contributes with deeper reflections on the use of information, the network and other technologies.

**Keywords:** Information Science; Epistemology; Communication and Information Technologies; Labor.